

P V R A S
VERDADES
D A M V S A
PORTVGVEZA.

COMPOSTAS POR HVM
Curioso Portugues.

OFFERECIDAS A SANTO ANTONIO



Com todas as Licenças necessarias,
EM LISBOA
Na Officina de Lourenço de Anueres.

Taxãoſe eſtas oitauas em 14. 16is Lisboa 10. de Dezembro de 1641
Ribeiro, Coelho.

2/5 138

VERDAD

AMAS

FOR H.M.

CHURCH

THE



THE

AMAS

FOR H.M.

CHURCH



*Agides bellas, Lusitanas Musas
Atè qui retrahidas, & confusas
Deixai, deixai as liquidas moradas
E sãhi coroadas*

*De perolas, corais, & verde limo:
Portugues plectro seja vosso arrimo,
Não Castelhana lira
Não comica mentira
De hum Rey remunerada
Mais estimada delle que a espada.
Agora pois que liures de tormento
A Lusitana praia vos alenta
Liures do mar irado
De hũ gouerno sem Rey, de hũ vão estado
De hũ Cõde mais que barbaro, & tyrano
De hũ Rey adormicido em doce engano,
De hũ secretario vil, seu conselheiro,
Que ao mais alto sobio por lizonjeiro
Com malicia, com manha, & com cautela,
E hoje por mal dos bõs priua em Castella:
E hum ministro deste seu parente
Seu executor mór, & seu agente
Que por depender delle
A os Fidalgos dispir queria apelle,
Mas na mesma moeda lho pagaraõ
Pois do mais alto cume o despenharaõ:*

A

E cme

E em couro, ao ponho o deraõ otomassê,
E aquem esfolou tantos esfolassê,
Chegando aser na morte
Infarne espelho da mais baixa sorte.
Agora que tomais porto seguro
No brio Portugues musas que apuro
Em defensão da Patria, em mar aduerso
A anchora a ferrai de mordax verso;
Pizai dourada areia,
E em porto saluo ja a Lusa vea
Digo auerdade que atè qui em cubria
Nasceße de respeito, ou couardia
Compatrio estillo, se iocoso, graue
Abra esta gloria Lusitana chauce.
Portuguez a eloquencia corra vfana
Que ja não reina a lingoa Castelhana,
Em porto saluo estais, tomai alento,
E dando suspensão ao vago vento
O q a Portugal moue, a sangue, & fogo
Que oresfrais, ò Tagides, vos rogo
Ao regio passo, à corte Castelhana
Parti com confiança Lusitana
Entrai com humildade
O decoro guardado a Magestade
Do graõ Philipe, Rey, q foi de Hespanha
E cõ vossa propria, não cõ lingua estranha

Lhe falai em poetica lbanieza,
 Por satisfação passe portugueza
 Inda que aos seus proprios mal afeito
 Como a Rey lhe falai, & com respeito
 (Isto dizervos posso)
 Como a Rey sim, mas não como a Rey vosso,
 Se a rezão vos compelle,
 Porque não podeis falar com elle
 Sem primeiro falares,
 Ao Conde Duque, & seu Diogo Soares,
 Começai afalar aos dous privados
 Que Hespanha mereceu por seus peccados
 E seja sem respeito, & cortezia,
 Que o decoro não he da tyrannia,
 Plectro deſtemperado,
 Ruſtico accento, & verſo mal limado.
 Duque tyranno Conde deſhumano
 De Hespanha aſorte, Nero Caſtelhano
 Pera os teus abrazares
 A borto vil da caza de Oliuares,
 Aſpide mal timido
 Em flores de lizonjas eſcondido:
 Veneno diſfarçado
 Com maſcara de amigo, & de privado:
 Perſido, liſongeiro
 De hum deſcuidado Rey deſpenhadeiro

Inimigo de Espanha, & da verdade,
 Origem da discórdia, & da maldade
 Escuta Conde fero
 As novas que do Reino darte quero,
 O que em Portugal passa
 Bem sei que a nova desta ves te embaça,
 Se tudo já não sabes pellos ares
 Por virtude dos teus familiares,
 Já o tempo he chegado
 Em que Portugal mostra que he soldado
 O esperado século ditoso,
 Em que Portugal mostra que he brioso
 Tudo por permissão do Rey Eterno
 A hũ relogio comparo o teu governo,
 As tuas ordens locas
 Oppressois muitas, & merces bem poucas
 Em Portugal teus mandos tão acesos
 Não relojo de peso, mas de pesos,
 Com pesos de tributos
 Pois quebra acorda por lhe pores muitos.
 As rodas singulares
 Eras tu o Cõde impio, e teu Diogo Soares,
 Pois pera destruir Hespanha toda
 Andaveis ambos com acabeca à roda
 Sem conselho nenhum desgovernando
 Del Rey o regio sceptro, & regio mando
 que

Que amostrador deste relogio era
 A seta nelle opouo considera,
 Que apontaua conforme todos viaõ
 Os pontos a que as rodas omouiaõ
 E pera serem as horas bem soadas
 O Vasconsellos daua as badeladãs.
 Não vos dè Senhor Conde isto cuidado
 Que já por Portugal iaz desmanchado,
 Que horas não dè já mais estou bem certo
 Porque em tão grãde aperto, & de siõserto
 pera acudir aũa, & outra banda
 Inda que a seta aponte, ella não anda
 Com isto Senhor Conde mais não digo
 Ia no que vedes tendes o castigo:
 Coniço inda que sou tão seu contrario
 Quero falar ao vosso secretario;
 Contigo falo Portuguez privado
 Indigno já de nome tão honrado,
 Pois sangue Portugues caber não pode
 Em quem da patria o jugo não sacode
 Antes como traydor lhe dá mao trato
 Com sua propria nação he mui ingrato;
 Os teus aluitres vãos de que seruirão?
 Que honra, gloria, ou fama conseguirão?
 Que nome eternizaste vil infame
 Que assi he bem te chame,

Porem que acção faria glorioza,
Quem se juntou com sangue do Barboza
Teu sogro foi, E não me maravilha,
Que te dese por dote com sua filha
Males sim, q em Hespanha todos chorão
Que não bens de raiz, nem mouens forão,
Maldades que em quadernos asentaua
E contra a patria, E ley suttilizaua
Mas porem se he q alguns o dote tachão
Na fazêda de hũ mau, s. males se achão,
Por esta herança, E dote tens sobido,
Medrando com augmêto de valido,
Que so medra na Corte Castelh. na
Quem mente, lizonjea, E quem engana,
E que s' do bem commum he inimigo
Que quem por elle falla tem castigo,
E pena de deſterro;
Ay da corte em que a obra boa he erro!
Com teu amigo o Conde te ligaste,
Eo que não era bem lhe aconselhaste
Tudo pera subir por lizonjeiro
Com capa de virtude, E conselheiro
Em leis tyrannas era o teu estudo:
Foste vil, contra os teus, ligista agudo,
E nos liuros de teu sogro em que auogaste
Pois por elles de mau te agraduaste

De

De hũ Conde examinado
 Porque cathedra leues de priuado
 De hũ Conde, que te fez mil cortezias
 Pera leres de prima, em tyrannias;
 E porque Vasconsellos teu parente
 Fosse deuespera em Lisboa lente,
 Porem já o castigo.
 No que no Reyno ves tens inimigo,
 E ainda não esta cheo,
 Porque arreceo já, porque arreceo,
 Que aquelles que anexais na governaça
 Executem em vos iusta vingança
 Caindo sobre vos tantos castellos,
 Que fação o que fizerão a Vasconcellos:
 Por que se osim contemplo
 Moue ao animo muito, hũ iusto exemplo.
 Não digo mais, só te direi aleiuozo
 Que Deos he iusto, E Portugal briozo:
 Hũ mao na terra nunca permanece,
 Hespanha te aborrece
 El Rey está enganado,
 O Conde está com todos odiado
 Tu do Conde dependes, nelle estribas
 Em Portugal as armas estão viuas:
 Attenta o que paßou por teu parente
 Exemplo ay euident e

Contra maos nenhum animo he couarde:
 Acõsequencia infere, & Deos te guarde.
 Musas agora ao Rey ide chegando
 E confiadas entrando
 No Real appozento
 Fazendolhe diuido acatamento
 Ao parlamento todo
 Começai com concerto, & deste modo.

I


 Infelice monarcha Rey de Hespanha
 A quem o Ceo Imperios cõcedia
 Em quãto Phebo doira, e doris banha
 A onde nasce, & a onde espira o dia:
 Se attento o vosso ouuido não estranha
 A verdade, que nunca percebia,
 Novas vos quero dar, inda que duras.
 Não vans lizõjas, mas verdades puras.

2

Da vossa monarchia a nao potente,
 A quem o vento, & martinkão timido
 Repentina, & fatal tormenta sente
 O Austro brama, & súpra rijamente
 A cordai, acordai ao mal presente
 Desviado piloto adormesido
 Por que o mar se embravesce, a nao periga
 E o Ceo com tempestades vos castiga.

3 9
Sereas aos ouvidos vos cantaraõ
Lizonjas, Rey, do Conde vosso amigo,
E ao sono os sentidos vos ataraõ,
Pera que da nao naõ visseis operigo:
Lizonjas que de vos se apoderaraõ
Lançaí de vos; temeí fatal castigo,
Mas ay! que inda q̃ agora fujais dellas
He tarde já, pera amainar as vellas.

4
O vento creçe, & sopra rijamente,
O norte errou o mestre lizonjeiro,
Ià arrojaraõ ao mar por imprudente
A Vasconcellos vosso marinheiro
Acoisa a nao impetuosamente
Por hũa ilhargã, & outra o: mar ligeiro,
Atempestade crece, o Ceo irado
E já o mastro grande está quebrado.

5
Perdei de Portugal as esperanças
Que já nelle a promessa cumpre Christo,
Que fez a Afonso entre moiriscas lãças
Em visãõ milagrosa lo Rey visto,
O Ceo, o Ceo alenta estas mudanças
De todos he o Reyno o mais bem quisto,
Obrio Portuguez, o Rey amado
E vos estais com todos odiado.

Do amigo que acclamaſtes verdadeiro
 Vos podeis queixar, regia mageſtade,
 E de hum que por roubar noſſo dinheiro,
 Cõtra a patria ſe arrou, cõtra a verdade:
 Eſtes dous com eſtillo lizonjeiro,
 Sõ pera grangear voſſa vontade
 Alteraõ o Reyno, dando â eſpada,
 Que a nação Portugueza não fez nada.

Culpai a causa ſim, não os effeitos
 Que della naceſſaria mente,
 Dous traidores da patria mal aceitos
 Origem ſoraõ do que Heſpanha ſente,
 Contra peitos leais, Fidalgos peitos,
 Lanças embotaõ taõ injuſtamente,
 Que o Reyno, q̃ o valor da vida entẽde
 Pera que lha não tire ſe defende.

Treição não he, valor he generozo,
 Prudencia ſumma, & natural deſenſa,
 Ninguem por ſer conſigo rigurozo
 Permite proprio dano, & propria offeſa,
 Contra vos não ſe armaõ Rey famozo,
 Por uiuer ſim, que arezaõ diſpenſa
 Como o que mata outro por reſgate
 Não per matar, mas para q̃ o não mate.

Pere-

Peregrino de luz vezes sesenta
 Em aposentos doze hospedado
 Estradas de safiras, que frequenta,
 Girou Phebo, & pizou com pè dourado,
 Depois que ao sceptro Portugues violêta
 Castelhanò grilhão, jugo pezado,
 E hoje Deos que o seu Reyno vio afflictò
 Oquer liurar do Hespanhol Aegipto.

10

Hoje o liberta, porque goze vfo no
 Fructos de promissão, bem promettido
 Ao primeiro Afonso Lusitano,
 Que hoje começa a ser fauorecido
 Que ainda que o sceptro Castelhana
 Lhe impida tanto bem enfurecido
 Deos nos ade levar triunfando muito
 Por vosso mar vermelho apè enxuto.

11

Pellas ondas do sangue de Castella
 Dõde os vossos espirẽ, & os nosos cãtem
 Alegre o Reyno ao lustre antigo anhela,
 Pera que os seus Sanfois Leoẽs quebrãtẽ
 O que he seu vai buscar, não se rebella
 Assim vossos Castellos não se espantem,
 Falte oque foi por força dominado
 Pois dura pouco cõtem, que he violêtado

Se o Reyno pormettia em iuramento
 De vos guardar leal obediencia,
 Vede o vosso real promettimento,
 E achareis da desculpa a evidencia
 Prometestes, Senhor, no regio asento
 De guardar a este Reyno, e vossa auzēcia
 Privilegios reais, & liberdades
 Sem titulos, pensoens, & crueldades.

Privilegios dos Reis ante passados
 Quebrastes, auexando o Reyno quieto,
 Não culpeis logo aos vossos, se alterados
 Quebraraõ promessas com valor discreto.
 A fe que prometestes ha faltado,
 Que falte pois em nós he iusto e recto,
 Pois por direito he bem que se celebre
 Que à quem quebrar a fe. a fe se quebre.

Quem auerã que diga, & rezãõ tenha
 Que he bẽ que a fe de epenhos bẽ nacidos
 Em hum Rey bem seruido afaltar venha,
 E não falte em vassallos opprimidos,
 Não he iusto que hũ Reyno vos cõuenha
 Que querem destruir vossos validos,
 Vos oquizestes, chega a nossa hora,
 Pois vos sofremos tanto, sofrei agora.

Vos Senhor oquizestes descuidado,
 Pois no Real governo adormeccistes
 Atalaya fazendo de hũ privado,
 Cõ dons Neros, q̃ cõtra apatria erguestes.
 Vosso descuido, o Ceo ha castigado
 Pois adeleites vaõs obedecestes,
 Naõ aõ preceito que á rezãõ tem posto
 Ao Rey que a seus pouos quer dar gosto,

O Primeiro motor que tudo abarca
 Ao homem primeiro imagem sua
 Dos animais constituiu Monarcha,
 Para que vniuersal sceptro possuã:
 Pecca Adam, E ameaça a fatal Parca
 No uital fio donde o homem sua,
 De pois enganou a companheira,
 Em exhibir opomo lizõjeira.

O leão que atè li humilde era,
 O dragão manso, o Tigre amoroço,
 Cada qual d'elles com trauera fera
 Contra seu Rey se asanha impetroso,
 A terra se abalança, o mar se altera,
 A noite estende o manto tenebroso
 Atè que o serafim cõ ignea espada
 Do Parizo o lança. E nega a entrada.

Preccito do Ceo he que a rezão ditã
 Que hũ bõ Rey não durma, e seu estado
 Ea doces pomos, a que o gosto excita,
 Não entregue os sentidos de scuidado:
 Hum engano fatal vos precipita
 Rey Philippe do vosso grão privado
 Amentira da noza, e lizonjeira
 Em os vossos dileites companheira.

Com o doce pomo de hũ retiro alto
 Vos enganou, e lizonjeou o gosto,
 Ficando Portugal do summo salto
 Paraizo, em que Deos vos tinha posto;
 Alterase o Frances. e de hũ asalto
 Contra vos se arma com irado rosto
 O Catellão se asanha de opprimido,
 O Olandes marcha, o Papa está offedido.

Hoje hum Rey Portugues do Ceo morido,
 Anjo na condiçãõ, saber, altura:
 Do fresco Paraizo tam querido,
 Em que sentis tal fruto, e tal doçura.
 Vos lança, Rey, de Hespanha adormecido
 Com espada flamante em que se apura
 O amor Portugues, que o Reyno accende
 Se inflamado do Ceo, seu Rey defende

Ao Ceo offendeo vosso descrito,
 Pois delle tantos males resultaraõ,
 Vosso conselho a causa foi de tudo
 Principalmente os tres que governaraõ,
 Elles por vosso mal vós tinhaõ mudo
 Elles eraõ os Reys, elles reynauaõ,
 Vos sò na sua voz de ecco servieis,
 Pois o que pronunciauaõ referieis.

Pazes com o Olandes vosso pay tinha,
 E vos da por conselho vosso amigo
 Que ter com elles paz vos não conuinha,
 Sendo aguerra do Ceo sempre castigo:
 Que Cidade, que Reyno a fuster vinha
 Dominio immortal, por guerras digo,
 Carthago o testifique, & Troja antiga,
 Que não ganhou apaz, Veneza ediga.

Tomaos do Brazil a maior parte
 O Olandez com repentino assalto,
 Tremola no recife o estendarte,
 Que por afronta vossa se vio alto,
 Vence inflamado do furor de Marte
 De gente sy, não de conselho salto
 Euos fazeis, sem que temais o tiro,
 Comedias em os tanques do retiro.

Contra Hespanha o Frances as armas toma
 Peleija, arraza, cerca, fere, mata,
 Despoja, assalta, vence, rende, doma
 Acomete, destrõe, & desbarata,
 Pera que a soldadesca vista, & coma
 Dos vossos galegens he pouca a prata,
 Tudo anexações são fintas tyrannas,
 E em Madrid correis toiros, iugais canas

A India Oriental enfraquecida,
 O Olandes entropa della se apodera,
 A vossa armada do Frances timida,
 Que escandalo, & temor das ondas era,
 Abrazada se uio, & consumida
 Quando acclamar naual vitoria espera,
 E vos, em o retiro recolhido,
 Sobre o gouerno estais adormicido.

E quando em doce cama descuidado
 Em anoite em que agula altera agosto
 Fostes do brando sono lizonjeado,
 Pera vos lizonjear sempre disposto,
 Sobre ouçso vergel, retiro amado,
 Fogo o Ceo lança com irado rosto,
 E não escaramentou vossos amigos
 Que hã mao, tẽ por desgraças os castigos

27

Anuncio foi, este fatal successo,
Do que hoje em vossos Reynos acontece
Pois por vosso governo sempre aueisso
Vosso deleite em Portugal perece
O Catalaõ, com marcial excessso,
Contra vosso conselho se enasurece,
O Ceo vos auizou, seus contrasta,
Mas para hũ descuidado, o Ceo não basta

28

De Nabucho seu pay o ceptro herdado
Baltezar possuia Rey potente,
Do pay a quem Deos tinha castigado
Quando seu pouo o catineiro sente
Em esplendida meza regalado
Mão na parede, vio, que irada mente
A ruina a seus Reynos lhe escriuia
Mas Baltezar as letras não entendia.

29

Vieraõ os do conselho, & osintido
Interpetrar das letras não sò uberaõ,
Foi Daniel chamado, & eligido;
Delle auerdade todos perceberaõ:
Foi nesta acção do Rey mal recebido,
Perde sua graça, os seus o aborreseraõ,
E em breue tempo o Reyno vio assolada
A sua Monarchia mal fundada.

30

*Elum Rey, em dilicias descuidado
Auizos lhe dá o Ceo, que o Rey ignora
O eborense o diga alevantado,
O Fogo no retiro, o Catalaõ, agora
Letras são com que escreue o Ceo irado,
Mas falta hũ Daniel, Hespanha o chora
Mas ha Reys q̃ por descuido tão erraõ,
Que se pregais verdades, vos desteraõ.*

31

*Com tres letras o Ceo vos auizou,
Com Euora, com fogo, eo Catalaõ,
Vosso conselho em nada se applicou
Contra os fidalgos apertais amaõ
A auexação no Reyno não se sou,
Pello acabar vrdis noua inuenção,
Iã hoje começais a enfraquecer,
Que tẽdes, Senhor, muito em que entẽder*

32

*Vosso conselho sô nisto he culpado,
Delle se queixa, o Reyno Lusitano
E se vos culpa he por descuidado,
Não vos culpa por mau, nẽ por tyrano,
Detres prinados fostes enganado
Destes ao Reyno veio todo odano
Porem ministros maõs que otrato liga,
Que não farão, se dorme quem castiga.*

Vossos

Vossos Reynos por elles asanhastes
 Por suas ordens de ambição nascidas
 As rendas aos Fidalgos cerceastes,
 Deixando suas cazas destruidas.
 Iuros que lhe não destes lhe tomastes,
 E depois das fazendas consumidas,
 As pessoas querieis com cautela
 Pera espremeres todos em Castella,

Porem se já infere bem meu silogismo:
 Mais val em Portugal morrer hōrados,
 Do que hir ver as desordens dese abismo,
 Do patrio Paraizo desterrados,
 Hir apeleijar fora he barbarismo
 Fidalgos que na patria são sōldados,
 Quem Rey natural tē, & causa justa
 Não busca Rey estranho, & guerra injusta

Não cesou nisto não, atyrannia
 De vossos tres priuados insolentes
 Com males auexauão cada dia
 Os pouos, que calauão obidientes.
 E ainda que mostrarão valentia,
 Nunca os piquenos morrem de valētes
 Porque nos grandes o respeito brilha
 Equem tem superior logo se humilha.

Mas não parou aqui tanta impiedade
 Chegaram estes tres Neros lizonjeiros
 (Execução infesta, gram maldade)
 A cercear os iuros aos mosteiros
 Dedinheiro roubarão quantidade
 As religiosas (santos conselheiros)
 E porque seu bom zelo mais se veja
 Quere os bens das capellas, & da Igreja,

De Christo he o Reyno, aquẽ suas chagas deu
 E em favor da Igreja dizer posso
 Que he bem vos tire Christo hoje q̃ he seu
 Pois lhe quereis tirar o que não he vosso.
 Ma conta dais do que aguardar vos deu
 Sendo seu thizoureiro (se Rey nosso)
 Mas vendo em vos conselho tão cruel
 Faz outro thezoureiro mais fiel.

Vosso conselho com mandado expresse
 De Portugal hũa colleitor tirou,
 Quem leo, & obedeco, não fez, excesso,
 A culpa toda tem quem o mandou:
 Porque he vosso governo tão aueso
 Que por aueso jurisdiçõis trocou,
 Quer que no secular a Igreja esteja,
 E tenha o secular mando na Igreja.

E porque

E porque mau governo em tudo ouuesse
Os sôldados por cuja valentia
Em hum Rey a Coroa resplandece,
Pois nervos são de toda Monarquia
Tão má paga conseguem, que parece
Que os serviços que tem, não tem valia,
E assim vos serve o que hoie he alistado
Como quem na galc! rema forçado.

40

E porque sejam pouco agradecidos,
E no serviço vosso a esfriar venhão,
Se satisfeitos são dipois de ouvidos,
Pagão mea natta, porque apaga tenhão
Merces não são os bens que são vendidos
E assim quãtos é Marte hoie se é penhão
Quando apaga pedião, duvidauão,
Se amerecião, ou seuola comprauão

41

De titolos, & rendas despojado,
Depois de vos servir com rosto ledo,
Foi sem culpa dos vossos afrontado
O vosso grão Fradique de Tolledo:
Aquelle general, tão grão sôldado,
Que só com onome punha a Olanda medo
Atè que amorrer veio da ferida,
Quem em vezes tâtas pos por vos ainda

C 3

Mas

Mas que muito, Senhor, que assim passasse
 Não me admiro de nada, nem me espanto
 Que general vassalo vos mataſſe
 Que vos matou Phelippe hũ Irmão ſãto
 So pera que verdades não falasse,
 Temeraõ pois que adescobrisse tanto
 Que caisse o deficio ſeu no chaõ
 Se falasse com voſco, como irmão.

Eſtes ſão, Senhor, voſſos conſelheiros
 Que ſe de antes, não fostes informado
 Ia podeis ver como eraõ Lizonjeiros,
 Como ereis por lizonjas deſcuidado
 Ia Portugal tem Rey, braços guerreiros,
 Ia com iſto eſtareis deſenganado,
 Mas q̃ pouco aproueita (Deos vos guarde)
 Hum deſengano, quando chega tarde



Om iſto amadas Muſas
 As regias ſalas deixareis confuſas,
 E logo com audacia Luzitana,
 Vos deſpedi da corte Caſtelhana,
 Não vos detenhais nella,
 Em Portugal entrai, deixai Caſtella.
 Pera cantar as Luſitanas glorias,
 Deixai ſatisfaçois, cantai louvores

Que verdade, em poeticos rigores
 Quando menos se alargão
 Se recreaõ a huns, a outros amargaõ.
 A Portugal chegai, entrai vfanas
 Pellas ruas, & praças Lusitanas,
 Do reyno de Portugal cantai agloria,
 Pois pera eternizar Real memoria
 Phenix hà renacido
 Depois de abrazado, & consumido
 Tomai alyra, em Portugal entrando,
 Deixai o plectro rustico acclamando
 A hũ Rey, que catiua hoie as vontades
 Dizendo pellas, Villas, & Cidades,
 Com brio Portugues com vos altiua
 Viva El Rey Dom Ioão, Portugal viva.

LAVS DEO

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central



LA V S DEO

Faculty of Philosophy